

FOUCAULT E A DESCOLONIZAÇÃO DO PENSAMENTO

FOUCAULT AND THE DECOLONIZATION OF THOUGHT

Luiz Manoel Lopes¹

Resumo: O artigo busca aproximações dos modos de pensar de outras maneiras propostos por Michel Foucault. As nossas considerações remetem aos motivos que impelem este pensador a fazer novos aportes sobre as relações entre acontecimento, história e poder. Nestes aspectos, procuraremos ver como as relações de poder fazem confrontações com a filosofia da história e com o estruturalismo a fim de tratarmos de como podemos começar a pensar a partir de modos não-ocidentais e não-coloniais

Palavras-chaves: Foucault; descolonização; acontecimento; história; poder.

Abstract: The article seeks approaches to ways of thinking in other ways proposed by Michel Foucault. Our considerations refer to the reasons that impel this thinker to make new contributions to the relationships between event, history and power. In these aspects, we will seek to see how power relations confront the philosophy of history and structuralism in order to discuss how we can begin to think in non-Western and non-colonial ways.

Keywords: Foucault; decolonization; event; history; power.

Introdução

Michel Foucault, em entrevista cujo título é *Verdade e Poder*, afirma que a história é belicosa e sangrenta. As tentativas da filosofia da história e da semiologia

¹ Professor do curso de Graduação em Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Doutor e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: manoel.lopes@ufca.edu.br.

pensarem os aspectos, as configurações das relações de dominação e exploração, falharam ao deixarem de lado as relações de poder.

Em pleno século XXI, a partir das constatações das mudanças geopolíticas que vem causando impactos nas relações entre as regiões Norte e Sul do sistema mundo, não mediremos esforços para levar a adiante os enfoques das relações de poder que perpassam o atual cenário filosófico. Ao falarmos de questões que envolvem os Hemisférios Norte e Sul, não estamos falando de algo que não sejam relações de poder. Como na história contemporânea, podemos assinalar os acontecimentos que fornecem sentido ao âmbito geopolítico? Não podemos falar de história, sem ao menos indicarmos aspectos geográficos, geológicos e geopolíticos. Quais são as relevâncias dos povos, em seus territórios, mediante tais cenário aterrorizantes? O que ocorre, por exemplo, com o povo palestino é somente uma questão de combate aos terrorismos como é veiculado ou trata-se de questões de domínios territoriais?

Nestes tempos, em que as narrativas buscam prevalecer, mediante as validades dos fatos, assistimos ao que Foucault denominou de governamentalidade parecer cair por terra; as populações passam, no caso do genocídio em Gaza, a quase não ter a mínima relevância. Qual a importância do conceito de vida mediante as relações de poder?

As posições filosóficas contemporâneas, que buscam pensar de modos pós coloniais, trazem proximidades com o que Foucault denominou pensar de outra maneira. O que seria a descolonização do pensamento? De início, podemos dizer que a colonização tem suas proximidades como a questão filosófica quando colocada no circuito do Ser ao sujeito; da ontologia à epistemologia. Nestas questões, em que a colonização é aproximada ao Ser, sujeito e saber; de certo modo, aparecem as exclusões em relação aos modos de pensar filosóficos a partir de continentes não-europeus.

O pensamento filosófico começa a ser questionado quanto as suas origens, geralmente a Europa é considerada como a fonte originaria da pergunta filosófica: *o que é o Ser?* Em relação, ao que habitualmente consideramos como pensamento antigo, a Grécia é tida como o berço, o solo, da aurora da filosofia. A Europa não deixa, também de ser articulada como sendo este solo o nascedouro da Razão, principalmente quando, a partir de Descartes, a questão já não remete mais e apenas ao Ser. Os desdobramentos da questão incidem sobre o Sujeito e ao seu modo de conhecer.

As pontuações de Foucault, ao retratarem que a história passando a ser pensada através das relações de poder, no limite trazem a exortação de querer continuar pensando o presente; porém, não é somente ater-se ao aspecto idealista de pesquisá-lo, sobretudo quando trata das relações de poder.

As divergências que encontramos em Foucault, para como a filosofia da história de Hegel, incidem em afirmar que os aspectos que implicam relações diferentes daquelas entre tese, antítese e síntese jamais podem ser desconsiderados no âmbito político contemporâneo. As relações de poder aparecem, na pena foucaultiana, destacando que é preciso ir mais longe. As suas pesquisas inquirições buscam

pensar as relações entre poder e sujeito. O que emerge, com muitas sutilezas em suas considerações, é o modo como o sujeito europeu colonizou os intelectuais dos continentes não-europeus. O pensamento filosófico, desde o Ocidente, mantém a posição de uma fundamentação em princípios e causas que articulam as existências das coisas ao Ser. As realidades das coisas e dos entes são asseguradas por um fundamento que se sustenta em princípios de identidade, terceiro excluído e não-contradição. As ciências precisam possuir objetos regidos por estes princípios e os discursos que expressam devem ser isentos de quaisquer contradições. O problema das relações entre palavras e coisas é encaminhado a modo de ser solucionado quando a linguagem é isenta de equivocidade. A adequação entre o que, por exemplo, o sujeito moderno pode conhecer do mundo, enquanto possuidor de um atributo denominado de extensão, é garantida por tais princípios. O sujeito moderno coloniza o mundo não-europeu, através do modo de conhecê-lo e dizê-lo. O sujeito moderno, ora se pauta em fundamentar o mundo a partir de Ideias, no caso cartesiano: as de perfeição e infinito; ora, utiliza o princípio de não contradição para afirmar que, por exemplo, um ser possível é aquele que é isento de contradição. Portanto, um ser possível que traz a tendência para existir. Quais são os sujeitos que possuem tendências para existirem? Qual é o ente que traz primordialmente a tendência para existir. No caso, Deus é preferencialmente para os filósofos medievais, o único ente que é ao mesmo tempo essência e existência. O sujeito moderno, a partir de Descartes, conhece a partir do momento que paralisa a dúvida crescente, principalmente quando passa a refletir; toda vez que estiver duvidando passa a pensar e existir; a posse da certeza leva o sujeito a encontrar ideias de perfeição e infinito. A partir deste arcabouço, em que a perfeição e infinitude garantem todo os passos e percursos para pensar o mundo enquanto uma substância extensa; o conhecimento sobre o mesmo mundo estará garantido.

A questão acima remete ao *Cogito ergo sum*; ao *Penso, logo existo*. As questões filosóficas levantadas por Michel Foucault em seu texto - *A vida: experiência e ciência* - permitem-nos fazer percursos em relação aos procedimentos utilizados pelos filósofos contemporâneos. As relações entre homem e mundo passam não somente entre o sujeito que conhece e a extensão que se apresenta; mas sim, entre o que se denomina de sentido de mundo.

A problematização de Foucault leva-nos a sublinhar a posição do sujeito face ao sentido de mundo. O sentido sendo doado a partir de um sujeito que coloca o mundo como objeto passa a ser um problema para a filosofia contemporânea. O Ocidente fazendo o sentido derivar do sujeito e não do próprio mundo caminha para o idealismo exacerbado; o que nos permite já admitir que os propósitos de Foucault em descolonizar o pensamento consiste em justamente indagar: *quais são as relações entre sujeito e poder?* Ora, o sujeito e o poder colonial; ora, os poderes soberanos e disciplinares; podemos afirmar que são pontos imprescindíveis nas suas pesquisas.

As discussões em torno das modalidades filosóficas face à relação entre homem e mundo, mesmo que venham tratar da temporalidade, da história ou mesmo da linguagem, não trazem as problematizações em torno das relações de poder. A economia política, ao tratar das relações de produção; assim como a linguística, ao se debruçar sobre as relações de significação, não fornecem condições para as

experimentações de estratégias belicosamente reais no que concerne às relações de poder. As assertivas não dizem, respeito ao desprezo pela história; mas sim, ao modo como a filosofia da história, sustentada pelos momentos contraditórios, deixa passar ao largo as relações de poder.

Nestas tentativas, de apresentarmos as ousadias em sublinhar a problematização em torno de Foucault e a descolonização do pensamento, destacaremos dois pontos que serão desenvolvidos neste artigo: 1) Quais são as relações entre o Ocidente, enquanto Poder Colonial, ancorado no sujeito de conhecimento, face aos demais continentes não-europeus?; 2) Quais são as resistências que o Pensamento Não-Colonial apresenta no século XXI a partir de Michel Foucault?

Pensar de maneira não-Ocidental

As rupturas em termos de pensamento que não seguem os modelos impostos pelo Ocidente, enquanto sustentado no Cogito e na continuidade de um percurso progressivo da razão, serão as tônicas desta seção de nosso estudo. As relações de poder são assinaladas por Foucault face ao que economia política e a linguística fornecem.

As nossas incursões serão orientadas pelos deslocamentos filosóficos em torno do *Ser* e do *sujeito*. Como podemos pensar de outra maneira saindo e desviando dos terminais que asseguraram o itinerário europeu da filosofia? Os deslocamentos em pauta aparecerão a partir das linhas do artigo escrito por Michel Foucault, em 1985, cujo título é *A vida: experiência e ciência*. Os motivos deste escrito remetem aos modos de homenagear seu mestre *Georges Cangulhem*. A *história das ciências* aparece como ferramenta conceitual para Foucault apresentar tais deslocamentos, o artigo delinea o que ocorreu nos meados de 1960 no que concerne ao âmbito filosófico francês para não dizer parisiense.

O artigo de Foucault, apresenta as derivações das *Conferencias de Paris de Edmund Husserl* em 1929. As correntes, derivadas das questões de Husserl, acabam por culminar em dois modos: uma que se apresenta como *filosofia da experiência, do sentido e do sujeito*; outra que tende para a *filosofia da ciência, da racionalidade e do conceito*.

Os filósofos que radicalizam *Husserl* são *Sartre* e *Merleau-Ponty*, os quais encontram o livro *Ser e tempo* de *Martin Heidegger*. Foucault cita o artigo escrito por Sartre em 1935, *A Transcendência do Ego*, com um destes signos que vai da fenomenologia ao existencialismo.

Os historiadores da ciência, aparecem articulados ao nome *Jean Cavailles*, que leva o procedimento de Husserl em fazer da filosofia uma ciência rigorosa, a manter um diálogo de proximidades e distanciamentos como nas discussões entre os matemáticos divididos entre intuicionistas e formalistas. Foucault assinala que Cavailles, ao apresentar suas teses sobre o *Método axiomático* e sobre *A formação da teoria dos conjuntos*, fornece os percursos para os historiadores da ciência que, de

certo modo, o seguem. As consequências destes percursos são surpreendentes. Vejamos o que nos diz Foucault sobre estas tendências entre filosofia da experiência e história das ciências: “Quaisquer que sejam as ramificações, as interferências, Mesmo as aproximações, essas duas formas de pensamento se constituíram em França duas tramas que permaneceram, por um tempo, pelo menos, profundamente heterogêneas” (Foucault, 2005, p. 371). No ponto intensivo desta região do estudo, em que queremos sinalizar maneiras de pensar não ocidentais, encontramos os questionamentos da história das ciências em relação à posição da Razão face ao mundo. Neste aspecto, buscamos intensificar como o rompimento com os procedimentos de ordens dialéticas e estruturais levam Foucault a pensar como acontece a crise da razão. Vejamos estes pontos relevantes assinalados por Foucault em relação à fenomenologia e história das ciências:

Aparentemente, a segunda permaneceu ao mesmo tempo a mais teórica, a mais dedicada para tarefas especulativas, a mais longe também de questões políticas imediatas. E ainda assim foi ela aquela que tomou partido durante a guerra, e muito diretamente, em combate, como se a questão da fundação da racionalidade não poderia ser dissociada da questão sobre as condições atuais da sua existência. Foi ela também no curso do ano 1960 que desempenhou um papel decisivo numa crise que não era simplesmente a da Universidade, mas a do status e do papel do saber. Podemos nos perguntar por que esse tipo de reflexão poderia, seguindo sua própria lógica, encontrar-se assim profundamente ligado ao presente (Foucault, 2005, p.371).

As constatações das mudanças, no pensamento filosófico do século XX, não podem deixar de assinalar os aspectos conflitantes entre, por exemplo, a filosofia da história e o estruturalismo; o que nos leva a compreender de outro modo as relações entre identidade, diferença e contradição. Todavia, Foucault assinala, no artigo em pauta, pontos preciosos em relação ao modo como Georges Cangulhem inaugura outra maneira de pensarmos nossas posições face à ciência.

Um dos principais motivos sem dúvida tem a ver com isso: a história das ciências devem a sua dignidade filosófica à que ela usa um dos temas que sem dúvida introduziu um pouco sub-repticiamente e como que por acidente no filosofia do século XVIII. Pela primeira vez, nesta época, questionou-se o pensamento racional não apenas sobre sua natureza, seu fundamento, seus poderes e os seus direitos, a sua história e a sua geografia, a do seu passado imediato e suas condições de exercício, do seu tempo, do seu lugar e da sua situação atual; do seu momento, lugar e atualidade. (Foucault, 2005, p. 371).

As relações entre história e geografia nos remetem para as problematizações com a temporalidade e espacialidade que emergem no século XXI. As sustentações que mantêm as pesquisas em torno da economia política, sobretudo quando se apoiam na dialética hegeliana asseguram contradições que não atingem os aspectos bélicos e sangrentos que predominam na história. De outro modo, as pesquisas

em torno da linguística, sustentadas no estruturalismo, não conseguem atingir as estratégias que geram ordens discursivas.

As novas questões lançadas, a partir do Sul, vem justamente questionar tais princípios; desde então, a diferença, os processos, as relações entre acontecimentos e sentido passam a ter relevância. Como os povos e continentes, os quais sempre foram considerados como não tendo condições para pensar filosoficamente, aparecem com toda potência desequilibrando tais princípios? As novas terminologias, como multilateralidade e multipolaridade, remetem às circunstâncias, em que múltiplos nós de convivências, entre povos praticamente considerados como fora da história, por terem sido colônias europeias, contribuem no aparecimento de novas maneiras de pensar que começam por emitirem vozes divergentes em relação à Razão Ocidental.

As motivações de apresentarmos novas maneiras de pensar com Foucault, as quais desviam do modo como o Ocidente colocou a questão filosófica; caminham de encontro às suas leituras, sobretudo àquelas derivadas de Nietzsche e Heidegger.

A questão filosófica, após Nietzsche ter a indicado o conhecido e problemático adágio em torno da morte de Deus, foi respondida por muitos pensadores contemporâneos recolocando-a de modo a inserir discussões em torno do acontecimento, do sentido e da vida enquanto resistência ao poder. As tentativas de Heidegger, ao recolocar a questão, não deixa de manter o primado europeu; as suas preocupações incidem não mais no Dasein, no ser-aí, mas na destinação do povo alemão que, segundo ele, é herdeiro do povo metafísico por excelência: o povo grego. As nossas preocupações nos levam não em direção à pergunta: *o que é a Filosofia?* A nossa inquietação procura reter os questionamentos vindo de um pensador que busca tratar da seguinte questão: *o que a Sofia?* A partir desta observação, entraremos nas inquietações de François Ngoa Kodena, em seu livro – Knowledge and methode chez Cheikh Anta Diop, ao enunciar a questão não mais recolocando a questão em torno do Ser ou do sujeito; a sua maneira de trazer o problema sublinha: *quais são as reais motivações em torno do amor à Sophia?* Vejamos as suas colocações em que assistimos as derivações em torno da Razão Ocidental:

Esta dissertação visa esclarecer, elucidar e vislumbrar as consequências geopolíticas e éticas do enigmático conceito (philo)sophia (conhecimento causal) a partir de duas perspectivas convergentes: a Antadiopiana e a Afrosófiana. Ambas as abordagens, embora potencialmente intrincadas para o leitor devido à sua transdisciplinaridade, plurilinguismo e metodologia direta, sustentam que sofia enquanto iluminação é inerentemente intencional, exigente e ao mesmo tempo racional (científica), histórica, cultural, ontológica, ética e geopolítica. (Kodena, 2020, p. XII).

As inquietações que apresentamos neste estudo, em torno de Michel Foucault e a descolonização, são esboços de leituras em que varias pesquisadoras e pesquisadores contribuem de modos rizomáticos a partir e em torno das discussões transdisciplinares enquanto resistências aos extremismos de direitas que tentam

invadir as filosofias e as ciências humanas. Neste sentido, apresentamos os pensamentos advindos de continentes não europeus. Vejamos o que nos diz Ngoa Kodena:

Sofia é uma busca pela civilização planetária e, portanto, uma transcendência de todas as formas de barbárie a nível pessoal e institucional. Como Femina/Homo sapiens sapiens, idealmente sosõ ou duas vezes sapiente (sábio), melhoramos a nós mesmos e ao mundo em que vivemos, na medida em que nos esforçamos para superar a insanidade da barbárie planetária através de formas vivificantes de pensar, escrever e viver (Kodena, 2020, p. XII).

As nossas inquietações em acompanhar o pensamento de Michel Foucault tem como preocupação questionar o poder que, de certo modo, outorga a filosofia a determinação de dizer o que realmente é a história. A predominância da razão moderna, incidindo no direito de dizer o sentido do que é propriamente a história e geografia da exclusão, não deixa de ser um conteúdo implícito no texto. Não poderemos esquecer jamais que o sentido de história e geografia que possuímos vem justamente das imposições europeias.

As circunstâncias, em que nos encontramos, no século XXI, fazem ensejo em tratar o que aparece de divergente ao que habitualmente consideramos como uma filiação à sabedoria sem ao menos questionarmos o que seria este direcionamento da filosofia. Vamos começamos a citar um pensador que traz posicionamentos divergentes muito relevantes em relação ao tema:

Estamos aqui na esfera da ferocidade geopolítica, especialmente nas suas conotações alienantes e (neo)coloniais: predação geoeconômica, solilóquios curriculares, má-fé na academia, e uma bastardização mundial das massas através da mão geoestratégica de interesses corporativos. (Kodena, 2020, p. XIII)

As associações que fazemos com Michel Foucault não tem outro sentido do que apresentar novas maneiras de pensar, principalmente problematizando as relações entre saber, poder e vida enquanto resistência ao biopoder.

Pensar de maneira Não-Colonial

Os percursos que adotaremos neste módulo serão endereçados aos modos de pensar emergentes que trazem aspectos já delineados por Foucault ao recusar os procedimentos da Filosofia da História. A maneira como Hegel conta a história universal deixa de lado, por exemplo, a África. Os aspectos coloniais, desde ao aparecimento da filosofia cartesiana até a dialética hegeliana, não deixam de transparecer nas pesquisas filosóficas. As tendências contra coloniais aparecem, também em pesquisas em que movimentos de estudos deixam de seguir

determinados modelos e cânones dialéticos e buscam sustentações na analítica do poder nos escritos de Foucault.

Os focos inicialmente incidirão sobre os estudos subalternos, em seguida faremos alusões, não aos que propriamente derivam da pena de Michel Foucault, e sim naqueles em que procuraremos distinguir modalidades de problematizações acerca do que fora considerado como racionalidade e modernidade. Ao tratarmos de descolonização do pensamento, falamos de rupturas em relação ao que fora atribuído enquanto processo contínuo e linear de desenvolvimento da razão ocidental. As tendências contra coloniais aparecem, também em pesquisas em que movimentos de estudos deixam de seguir determinados modelos e cânones dialéticos e buscam aproximações com Foucault.

As nossas indicações recorrerão aos novos campos de pesquisas em continente não europeus. De início, sublinharemos as problematizações dos *Estudos Subalternos em Índia*. Em relação à *Ásia*, existem múltiplas e variadas maneiras de pensar fora do pensamento ocidental, nos pautaremos em deslindar aspectos dos estudos subalternos; tal escolha se deve aos impactos que as pesquisas de Michel Foucault tiveram em torno dos pensadores que compõem tal campo de orientação.

As pontuações de Foucault em torno das mudanças ocorridas a partir de 1960, principalmente partindo do que Georges Canguilhem acrescenta em suas pesquisas entre o normal e o patológico, nos permitem esboçar percursos para que possamos encontrar sinais destas novas maneiras de pensar não coloniais, pós-coloniais, contra coloniais, descoloniais e decoloniais.

Dessa questão pela qual a filosofia fez da sua forma atual e a ligação com seu contexto, uma questão essencial, é que podemos tomar como símbolo o debate que foi estabelecido no *Berlinische Monatschrift* e que teve como tema: *Was ist Aufklärung?* [O que é Esclarecimento?]. Para esta pergunta, a esta questão, Mendelssohn e depois Kant, cada um do seu lado, deram uma resposta. (Foucault, 2005, p. 372)

O adágio de Kant assegura que não devemos acreditar em dogmatismo, somente nas leis que os homens criaram, nos exortando a pensar no que a Razão Ocidental tornou-se. Em que medida ainda podemos falar de Razão? Há a Razão no século XXI? Há somente processos de racionalização? Quais são as relações entre os processos de racionalização e os modos de subjetivação? Quais são as relevâncias da filosofia em meio aos processos de descolonização. no sentido de resistir às atrocidades contra as diferentes modalidades de existência e aos novos modos de subjetivação?

As nossas indagações em torno do modos de pensar não coloniais remetem às tensões que aparecem no próprio âmbito da filosofia e em suas relações com as novas modalidades de pensamento que aparecem no século XXI. As nossas preocupações não deixarão de lado as relações entre a filosofia, antropologia, etnologia, sociologia, história e geografia. As nossas discussões não podem deixar de pensar os sentidos das categorias que determinam à formação dos níveis de

ensino. As categorias, enquanto modos de designar os sentidos das ciências, foram divididas em duas modalidades: humanas e exatas. Ora, os indivíduos que passam pelos bancos escolares, aos poucos, serão constituídos por e mediante divisões e distinções. Neste sentido, as nossas motivações em tratar as relações de Foucault com a descolonização do pensamento possuem os cuidados em indicar que estamos passando por mutações nos âmbitos das pesquisas filosóficas as quais são inseparáveis de nossas práticas de ensino, extensão e cultura. Os aprendizados com Foucault, nos levam a problematizar o modo como a filosofia se posiciona no presente mediante as atrocidades que acontecem na dita sociedade da informação e do conhecimento. O que podemos fazer para descolonizar o ensino da filosofia?

As discussões, em torno do que Michel Foucault pensara acerca da história, às vezes aparecem como acusações sobre os pontos em que teria deixado de lado as populações dos continentes não europeus. As nossas preocupações não caminham neste sentido, em nossas pesquisas, procuramos trazer questionamentos em relação às concepções filosóficas ocidentais em suas aproximações com as demais ciências humanas; com o intuito de nos afastarmos delas. Vejamos os nossos aprendizados com Foucault:

Essa questão foi, sem dúvida, entendida primeiramente como relativamente acessória: questionou a filosofia sobre a forma que poderia assumir, sobre sua figura no momento e sobre os efeitos que devem ser esperados disso. Mas é rapidamente revelado que a resposta que foi dada correu muito risco em ir muito mais longe. Foi feito de Aufklärung o momento em que a filosofia encontrou a possibilidade de estabelecer como a figura determinante de um era, e em que esta era se tornou a forma de realização dessa filosofia. (Foucault, 2005, p. 372)

Os recortes acerca do que a filosofia consistia tem suas ressonâncias, seus ecos nos dias atuais. As nossas inquietações decorrem dos modos em que lemos os trabalhos de Michel Foucault como na vizinhanças entre as relações de poder e saber. Não poderemos sequer compreender como as atrocidades aconteciam nas colônias sem ao menos indagarmos: como a metrópole construiu, por exemplo, no caso da França, sistemas filosóficos que de antemão excluam os povos dos continentes não-europeus, sobretudo africano e sul americano?

A filosofia poderia ser lida, bem como não sendo nada diferente da composição das características específicas do período em que ela apareceu, ela sendo a figura coerente, sistematização e forma refletida; mas por outro lado, o tempo apareceu como sendo nada diferente da emergência e a manifestação, em suas características fundamentais, daquilo que era em sua essência a filosofia. (Foucault, 2005, p.)

As concepções filosóficas que teceram elaborações, acerca da história universal, apresentaram as características das populações e dos continentes fazendo comparações a partir dos pontos de vistas europeus. Os fundamentos

validados pela Razão Ocidental são aqueles que ocorreram no percurso desde Platão a Descartes. As questões que foram elaboradas, a partir de Kant e Hegel, não fazem mais do que tentar refletirem sobre tal percurso; no caso, do segundo, colocando todo este percurso como sendo racional e inseparável da história, da temporalidade, das contradições e da continuidade.

A filosofia então aparece tanto quanto um elemento a mais ou a menos revelando os significados de um momento ou, pelo contrário, como a lei geral que estabelece para cada época a cifra que ela deveria ter. Filosofia de leitura no quadro de uma história geral e sua interpretação como princípio de decifração de toda sucessão histórica, tornaram-se então simultaneamente possíveis. (Foucault, 2005, p.372)

As questões derivadas do Michel Foucault levantara, como novas maneiras de pensar, nos levam sempre às outorgas dadas à Filosofia em constituir, a partir da fundação de um sujeito do conhecimento o que seria o mundo, a substância extensa.

E, conseqüentemente, a questão do “momento” presente” torna-se para a filosofia uma questão da qual ela não pode mais se separar: até que ponto este “momento” tem a ver com um processo histórico geral e até que ponto a filosofia é o ponto onde a própria história deve ser decifrada em suas condições? (Foucault, 2005, p.372)

O pensador Ngoa Kodena faz a seguinte afirmação: “O homem branco quer o mundo; ele quer tudo para si. Ele se descobre o mestre predestinado deste mundo. Ele o escraviza. Estabelece-se uma relação de apropriação entre o mundo e ele mesmo (Kodena, 2020, p.61).

As nossas considerações, em torno do que podemos extrair das análises de Foucault sobre as relações de poder, tem como foco as mudanças que ocorreram em estudos de pensadores e pensadoras em continentes como a *África* e *Ásia*.

Os movimentos de pensadores e pensadoras, situados na Índia, começaram por trazer as relevâncias das pesquisas de Michel Foucault para o domínio do que *Antônio Gramsci* denominara de subalternos. Os aportes que traremos são apenas índices das preocupações de estudos de pesquisadores dos *Estudos Subalternos*.

As nossas indicações, em direção ao que Foucault procurou sempre se distanciar, trazem estes aspectos pelos quais os pesquisadores de estudos não-coloniais procuram fazer aproximações, com seu pensamento; em relação ao que não era fornecido pelas análises provenientes da filosofia da história.

Nestes âmbitos de discussões nos remeteremos ao artigo escrito por *Camila Massaro de Góes* cujo título, *Análises de poder em disputa: Foucault e a virada pós-estruturalista nos Subaltern Studies*. A autora apresenta detalhes sobre as concepções que trazem distanciamentos em relação à filosofia da história e sua insistência na linearidade e continuidade.

As recusas em manter os meios de análises advindos tanto da filosofia quanto do estruturalismo ganham, a partir dos estudos de desenvolvidos em Índia, muitas contribuições do que Michel Foucault atribuíra em suas pesquisas entre as relações de poder e o sujeito do conhecimento ocidental.

O artigo de Massaro de Góes articula estas mutações no pensamento asiático, no caso: os estudos subalternos desenvolvidos em Índia. Os pensadores e pensadoras desta perspectiva de estudos acrescentam processos disruptivos em relação à filosofia da história. Os pontos principais serão aqui sublinhados por remeterem às proximidades com Gramsci e posteriormente Foucault. Vejamos as considerações da autora:

Os Subaltern Studies possuem uma trajetória complexa que compreende mais de duas décadas de desenvolvimento intelectual, desde o projeto idealizado por Ranajit Guha em fins da década de 1970. Buscando intervir no debate acerca história colonial da Índia, o historiador indiano recorreu à noção gramsciana de subalterno como forma de afirmar um posicionamento teórico e político contra o que considerava interpretações elitistas do contexto indiano, fossem elas colonialistas ou nacionalistas. (Góes, 2025, p. 222)

As considerações apresentados por Massaro Goés caminham em direção ao ponto de inflexão dos estudos, entre os subalternizados, quando introduzem mais focos nas relações de poder.

Dessa forma, Guha abriu uma polêmica com seus interlocutores marxistas na Índia, defendendo uma abordagem criativa que não se reduzisse a termos economicistas e deterministas, e que propusesse como centro da análise a questão política. (Góes, 2015, p. 222)

A partir desta escolham da proximidade com Gramsci e seu conceito de subalterno, os autores começam por questionar como conseguirmos meios expressivos para estas vozes que foram sempre impedidas de falar:

Daí a grande relevância da escolha do tema da subalternidade, como forma de destacar como o domínio da política na Índia era estruturalmente dividido. O desafio era grande: buscar uma interpretação que desse conta das relações sociais indianas, entrecortadas por questões de casta, gênero e classe, em um esquema interpretativo complexo e geral de poder. (Góes, 2015, p. 223).

Em nosso artigo, em nossa pesquisa, em torno da relevância de Michel Foucault para a compreensão de outras maneiras de pensar não-ocidental, não coloniais, encontramos, a partir do que atualmente se denomina como Sul Global, como maioria

Global, em que temas em torno das mutações dos eixos geopolíticos são altamente relevantes, as indicações de Massaro Góes da relevância de Michel Foucault.

A partir, principalmente, da coletânea *Selected Subaltern Studies*, lançada em 1988, entendemos que se deu uma virada pós-estruturalista na obra subalternista, que acompanhou um movimento mais amplo do pensamento político e das esquerdas em nível mundial. Acompanhando o colapso do comunismo soviético e os desfechos da Guerra Fria, deu-se um declínio do marxismo em meio ao pensamento radical. (Góes, 2015, p. 223)

As mudanças que vem ocorrendo nas maneiras de estudarmos, as relações entre ética, estética, política, lógica, ontologia, epistemologia e ecologia, não deixam de sublinhar as importantes contribuições de pensadoras e pensadores fora do Hemisfério Norte. Assim sendo, ao encontramos vozes, que até eram impedidas de falar, nos levam a considerar que, de certo modo, se tornam cada vez mais frequentes em debates e conversações sobre as resistências às novas tentativas de colonização.

Nesse contexto, os *Subaltern Studies* passaram a ser pressionados a responder a questões postas pelo contexto acadêmico e político de fins da década de 1980 e início de 1990, simultaneamente a sua entrada na academia norte-americana, a partir da obra de Gayatri Spivak, que desde o lançamento de *Can the subaltern speak?*, em 1985, já solicitava respostas subalternistas e pautava suas reflexões a partir de questões como o papel do intelectual e a possibilidade de representação e fala dos subalternos. (Góes, 2015, p. 223)

As contribuições de Michel Foucault aparecem para os Estudos Subalternos como meio consistente de compreender quais as relações de poder que fazem, a partir das resistências ao sujeito ocidental do conhecimento, com que tais vozes, que antes eram silenciadas, ganhem sentido passando a trabalhar seus próprios problemas.

A partir de então, os trabalhos do coletivo indiano ganharam uma ampla difusão, passando a se identificar, em linhas gerais, com todo o campo de estudos conhecido como “pós-colonialismo”. Grosso modo, o que caracteriza essa corrente de estudos é principalmente o seu ecletismo teórico. Junto com a incorporação das críticas pós-estruturalistas de Foucault e Derrida, permanece a defesa do tema da subalternidade, numa tentativa de conciliar esta nova fase com o projeto fundacional, fortemente influenciado pelas ideias de Antonio Gramsci. (Góes, 2015, p. 223).

As aproximações, segundo a autora, começa a se delinearem a partir de certo pensadores que, ao encontrarem meios de relacionar Foucault com a noção de subalternidade, começam por atualizar críticas ao sujeito do conhecimento europeu, o qual consistia no fundamento para todos e quaisquer tipos de colonizações.

Uma das primeiras tentativas de repensar a aproximação do viés pós-estruturalista empreendida pelos subalternistas foi levada a cabo pelo historiador Dipesh Chakrabarty, cujos ensaios mais importantes foram registrados em *Provincializing Europe* (2000a). No caso de Chakrabarty e dos demais intelectuais vinculados aos Subaltern Studies, essa virada se deu principalmente a partir da incorporação de Michel Foucault como marco teórico e da adoção de sua crítica do sujeito soberano como autor e sujeito da autoridade, da legitimidade e do poder (Góes, 2015, p. 224)

Massaro Góes expõe, em livre tradução, um excerto precioso de Chakrabarty ao deslindar sobre o seu tema de provincializar a Europa, o qual adquire um enorme valor de contraste; ocasionado cada vez mais consistência para os pesquisadores e pesquisadoras do Estudos Subalternos elaborarem suas críticas anticolonialistas:

Não há nada como a “astúcia da razão” que garanta que todos convergem a um mesmo ponto final na história, a despeito de nossas diferenças aparentes e históricas. Nossas diferenças históricas de fato fazem diferença. Isso ocorre porque nenhuma sociedade humana é uma tabula rasa. Os conceitos universais da modernidade encontram conceitos, categorias, instituições e práticas preexistentes através dos quais foram traduzidos e configurados diferentemente (Chakrabarty, 2000, p. xxii *apud* Góes, 2015, p. 224, em livre tradução).

As aproximações dos Estudos Subalternos com as novas maneiras de pensar inauguradas por Michel Foucault são apresentadas pela autora como índices do que vem ocorrendo no Hemisfério Sul em termos de resistências a partir dos modos de pensar não europeus e não coloniais.

Por que Foucault se tornou importante para os estudos do colonialismo? Embora o filósofo francês não tenha se engajado diretamente com a mecânica do colonialismo, o seu pensamento é altamente influente nesse campo de conhecimento, na medida em que ajuda a pensar os mecanismos pelos quais o poder é construído e disseminado. Foucault escreveu sobre as formas nas quais o conhecimento é moldado pela produção do discurso, o qual sustenta, por sua vez, as estruturas de poder de uma dada sociedade. Em *Arqueologia do Saber* (2005), o filósofo-historiador formulou uma nova perspectiva para a compreensão da história, que se baseia não na continuidade, na tradição, na influência direta, no desenvolvimento ou no espírito subjacente, mas na identificação de rupturas e descontinuidades dentro dos e entre os discursos na história. (Góes, 2015, p.228)

Os pontos que sublinhamos desde a entrevista de Michel Foucault, com Alexandre Fontana, cujo título é *Verdade e Poder*, não podem ser considerados ultrapassados na obra do autor. Não existe, apesar dos inúmeros textos de Foucault que foram recentemente publicados quaisquer tipos de desmanches em relação o que considerara enquanto divergências à filosofia da história e ao estruturalismo.

Considerações Finais

Em decorrência do que tentamos sublinhar neste estudo, consideramos que as contribuições em vários movimentos de pensamentos anticoloniais são por demais relevantes. As suas pesquisas em torno das relações entre sujeito e poder não deixam de nos remeterem para as maneiras que nos deixamos iludir face a certa metafísica do poder, principalmente ao deixarmos de sentir e pensarmos como as relações de poder são materializadas em nossos corpos. Ao deixarmos-nos iludir por uma análise metafísica do poder, a qual ficávamos imersos e aprisionados em estágios contemplativos, a ponto de somente admitirmos os efeitos do poder incidindo sobre alma não demos nenhum passo além do platonismo, do medievo e da modernidade.

Em meio às mudanças vertiginosas, em relação aos avanços das tecnologias, encontramos o que é denominada de A quarta onda, A quarta revolução; assim do mesmo modo, nos deparamos com o que é considerada a terceira colonização. Em se tratando de considerar os contrastes entre avanços retrocessos, não podemos deixar de considerar que a revolução informática, em meio às difusões das tecnologias da comunicação, contribuiu para o avanço da extrema direita e dos fascismos; os retrocessos das subjetividades, entretanto, não acontecem de modo natural; não podemos deixar de considerar como efeitos de poder sobre os corpos daqueles que são sujeitados por tais mecanismos. Os sentidos de sujeito variam, podemos encontra-lo de acordo com aquele que pode ser atribuído ao sujeito de determinadas ações; e, também como aquele em que o sujeito em tais ações são derivadas de sujeições, de assujeitamentos, aos dispositivos de disciplinas e controles.

Michel Foucault ao falar de modos de subjetivações apresenta meios agonísticos de resistir aos mecanismos disciplinares e controles impostos pelo neoliberalismo. Como constituir um dentro do fora? As respostas são inúmeras, dentre elas, podemos encontrar aquela que remete ao investimento numa subjetividade puramente econômica em detrimentos dos aspectos políticos. Desde então, o que prevalece é o que denominamos de uma metafísica do poder. Foucault, por seu lado, pensa uma microfísica do poder, sobretudo quando em Vigiar e Punir começa por utilizar tal terminologia. O sujeito ocidental, deste modo, possui um genealogia inseparavelmente das relações de poder que o constitui. O que é pertinente dizer é que tais tipos de constituições são exportados para as colônias. A colonização é inseparável de processos de sujeições advindas das metrópoles. Foucault, ao nos fazer pensar em torno das modificações dos espaços, através das diretrizes das sociedades punitivas e disciplinares, não deixa de nos exortar a pensar em novos modos de lidarmos com as questões relativas aos modos de subjetivação.

As afirmações de Foucault, em relação ao que denomina ontologia do presente, nos motiva a pensar nossas de atuações em torno das práticas de lecionar filosofia; não podemos deixar de ter cuidados em não reproduzirmos os movimentos de colonização que perduram em seu ensino. A posição do sujeito, face às relações de poder, jamais pode ser esquecida. O sujeito modelado na metrópole é o mesmo que exerceu a colonização. Os efeitos das relações de poder constituidoras do sujeito

recaem sobre nós do lado de cá e distante do continente europeu. Os esforços de Foucault para descolonizar o pensamento tornam-se exercícios de produções de novos modos de subjetivações.

Referências

CHAKRABARTY, Dipesh. Subaltern Studies and Postcolonial Historiography. **Views from South**, v. 1, n. 1, p. 9-32, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos II**: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

KODENA, François Ngoa. **Afrosofia**: Knowledge and Methode Chez Cheikh Anta Diop. 2020. 273 p. Thesis (Doctor of Philosophy) - McNulty College and Graduate School of Liberal Arts, Duquesne University, Pittsburgh, 2020.

GÓES, Camila Massaro de. Análises de poder em disputa: Foucault e a virada pós-estruturalista nos Subaltern Studies. **Plural**, São Paulo, Brasil, v. 22, n. 2, p. 222–246, 2015.